

MERCADO DE BATATA: ações integradas na cadeia produtiva¹

Waldemar Pires de Camargo Filho²
Humberto Sebastião Alves³
Antonio Roger Mazzei⁴

1 - INTRODUÇÃO

Na década de 90 ocorreram alterações significativas na cadeia produtiva de batata: no início do decênio, houve a criação do Mercado Comum do Cone Sul (MERCOSUL), a autodissolução da Cooperativa Agrícola de Cotia, além de mudanças nas relações entre os governos federal, estadual e municipal, de forma que a política agrícola, que era frágil, deixou de existir. No Estado de São Paulo, em particular, com a reestruturação da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, foi criada a Câmara Setorial de Batata que visa promover a integração entre o setor produtivo e os governos estadual e federal, possibilitando melhorar a representação e as ações dirigidas às atividades ligadas ao MERCOSUL e à cadeia.

Afora estas mudanças, a área geográfica da produção no Brasil tem se deslocado para regiões não tradicionais devido aos custos e à concorrência entre estados, fenômeno que também ocorreu na Argentina. Também a globalização da economia intensificou a competitividade comercial no abastecimento brasileiro, em especial dos produtos industrializados e sementes de batata originárias do Hemisfério Norte.

2 - OBJETIVOS

O trabalho pretende iniciar a discussão sobre a necessidade de se criar política agrícola

direcionada à bataticultura brasileira, considerando o período da globalização da economia e o deslocamento da região produtora no Brasil e na Argentina. Isso é primordial porque, na década de 90, a organização e a evolução do setor produtivo melhoraram, sendo premente a necessidade de diretrizes e integração das atividades dos governos estaduais, federal e setor produtivo, frente ao MERCOSUL e ao mercado globalizado.

Como objetivos diretos pretende-se descrever sucintamente a produção e a comercialização de batata no Brasil, destacando-se as principais variedades vendidas; os pontos de vendas no mercado atacadista de São Paulo; comparar os preços das principais variedades em nível de atacado para batata lavada e escovada, particularmente no período abril-outubro de 1997; e calcular o padrão estacional de preços e quantidades comercializadas na Cidade de São Paulo e no Mercado Central de Buenos Aires (MCBA).

Pretende-se com isso evidenciar pontos de estrangulamento nos ajustes dos mercados bataticultores argentino e brasileiro e criar parâmetro de valores de referência entre as variedades de batata no mercado.

3 - MATERIAL E MÉTODO

A análise da comercialização da batata será feita com base no mercado atacadista paulistano. Serão enfocados os pontos principais de venda, os preços praticados e as quantidades comercializadas, tendo em vista que esta praça serve de referencial ao MERCOSUL.

Os preços no mercado atacadista são: a) do Entrepasto Terminal de São Paulo (ETSP), publicados no BOLETIM MENSAL (1994-1997) da Companhia de Entrepastos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP); b) para o mercado tradicional utilizaram-se os preços do BOLETIM DA BOLSA DE CEREAIS DE SÃO PAULO (1997), do Instituto de Economia Agrícola, publi-

¹O estudo faz parte do Projeto SPTC-IEA 16-010/96.

²Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Economista, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

⁴Economista, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

cados em INFORMAÇÕES ECONÔMICAS (1994-1997) e da BOLSINHA INFORMS (1997), publicados diariamente. As informações estatísticas de preços, de quantidades e de produção da Argentina foram divulgadas pela Secretaria da Agricultura, Ganaderia y Pesca (SAGyP) em seu ANUÁRIO (1996). As informações de produção no Brasil e estados foram divulgadas no LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA (1990-98) e aquelas referentes à importação e exportação foram obtidas junto à Secretaria de Comércio Exterior (SECEX/DECEX, 1991-98).

O método utilizado para o cálculo do padrão estacional é o descrito em HOFFMANN (1991). Para comparar os preços das variedades utilizou-se a média aritmética simples por mês, que serviu para calcular o preço médio no período (abril-outubro de 1997). Estudaram-se os segmentos de batata lavada e escovada. Para comparação dos valores médios, foi considerado o preço médio da batata Bintje lavada, tipo especial, como índice 100. São comparados os preços das variedades mais vendidas: Bintje, Baraka, Achat e Monalisa, também para o tipo especial. Essa informação, como valor de referência por variedade, é importante como parâmetro aos setores produtivos, de distribuição e à indústria, para dinamizar a transação comercial realizada diariamente.

4 - HISTÓRICO RECENTE DA BATATICULTURA BRASILEIRA

Ao final da década de 60, com o uso da irrigação, a cultura da batata no Estado de São Paulo iniciou sua modernização e incorporou tecnologia à produção. Com isso, as safras das águas e da seca cederam espaço e período para mais uma época de produção: a de inverno. Este cultivo iniciou-se em regiões de planalto nos municípios de Casa Branca e Vargem Grande do Sul, em seguida, expandindo-se para o sul de Minas Gerais. Atualmente, os três cultivos se equivalem em área cultivada no Estado de São Paulo.

No final dos anos setentas, foi criado o Programa Nacional de Produção e Abastecimento de Batata (PRONABA), cujo principal objetivo era organizar a bataticultura nacional através de projetos que visavam o desenvolvimento do setor produtivo, como também controlar as importações de batata semente, e incentivar e organizar

o serviço de multiplicação, com o objetivo de obter economia de divisas.

A implantação dos programas nacionais de produção e abastecimento, coordenados pelo Ministério da Agricultura, através da Gerência de Horticultura, proporcionou estabilidade e crescimento organizado dos setores produtivos de olerícola e de frutas no período 1980-85. Após 1986, com a mudança de governo e das diretrizes para o setor, a bataticultura brasileira passou a sofrer importantes transformações.

No segundo quinquênio dos anos oitentas, o setor produtivo olerícola, inclusive o de batata, teve anos alternados de superprodução e preços baixos e de safras menores e preços altos, em decorrência dos planos econômicos e das características intrínsecas da cadeia produtiva.

No início da década de 90, ocorreu a autodissolução da Cooperativa Agrícola de Cotia, Cooperativa Central (CAC-CC). A Entidade, através da orientação da produção aos cooperados, organização da comercialização e industrialização, proporcionava relativo equilíbrio entre a produção ofertada e a quantidade demandada no mercado do Sudeste brasileiro; a diretoria, inclusive, participava das negociações no MERCOSUL. O desaparecimento da cooperativa causou desorganização na cadeia produtiva de batata frente ao MERCOSUL.

Com a necessidade de defender a classe e de se fazerem representados, os grandes bataticultores do Brasil, situados nos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, constituíram associações regionais nos estados de origem, formando a Associação Brasileira de Batata (ABBA), que reúne dez associações regionais de produtores de batata e três associações de produtores de batata semente, totalizando 635 associados em 1997.

No período 1990-94, a postura comercial da Argentina, com a criação do MERCOSUL, foi abastecer o mercado brasileiro com batata consumo e até mesmo o setor de sementes. Houve avaliação comercial também de outros países para abastecer o Brasil com produtos derivados de batata, ao mesmo tempo que aumentava a rede de lanchonetes *fast-foods* e consolidava-se a participação dos supermercados na distribuição varejista de batata e outros hortigranjeiros.

Paralelamente, o governo brasileiro decidiu outorgar aos estados a implantação de dire-

trizes e a execução de política agrícola para o setor, enquanto, no âmbito federal, sua ação restringia-se, praticamente, ao financiamento de safras e à administração de estoques de grãos.

No *Outlook* Agricultura MERCOSUL, ocorrido em Porto Alegre (RS), nos dias 4 e 5 de novembro de 1996, o secretário de Política do Ministério da Agricultura enfatizou que a pasta passaria a tratar apenas de questões, por exemplo, relacionadas ao comércio entre países e interblocos econômicos. O subgrupo de trabalho 8 (SGT08) é responsável pela organização dos trâmites necessários entre os países do MERCOSUL para agilizar o comércio entre os países membros. A representação do setor produtivo que está nos estados deve ser discutida e organizada em nível estadual, inclusive a escolha daquela que deve representar o setor nas reuniões ordinárias no MERCOSUL, juntamente com os técnicos do Ministério. Caberia à pasta preocupar-se com a estratégia da participação do Bloco MERCOSUL no comércio mundial.

A estratégia do governo federal é se preparar para a globalização da economia. Para tanto, é necessário que o País cumpra as novas determinações da Organização Mundial do Comércio (OMC), o que exige adaptação às regras vigentes. Conseqüentemente, as obrigações do Ministério da Agricultura, quanto a serviços de inspeção, fiscalização e controle aduaneiro, para expedição ou internalização de produtos do mercado internacional, serão realizadas com a ajuda das Secretarias de Agricultura. Em convênio com o órgão federal, executarão as tarefas, através da outorga de autoridade. Quando as Secretarias não possuírem recursos humanos e/ou permanentes, capacitação e tecnologia para a execução dos trabalhos, estes poderão ser realizados por empresas privadas que seriam cadastradas, treinadas e avaliadas para tais tarefas. O secretário ponderou, ainda, que se esperavam sensíveis alterações na geografia da produção agrícola no Brasil, pois em dez anos (1996-2005), o governo federal previa incorporação de mais 20 milhões de hectares ao sistema produtivo brasileiro devido à expansão da fronteira agrícola em direção ao Centro-Oeste, Nordeste e Norte do Brasil. Este incremento de área cultivada é o equivalente a toda área cultivada no Estado de São Paulo em 1996. A produção nessa região, incorporada ao sistema produtivo agrícola brasileiro, seria predominantemente de grãos, pecuária, frutas e

hortaliças (nessa ordem de grandeza decrescente).

Atualmente, a produção de batata, tomate, cebola, cenoura e repolho dessas regiões participam predominantemente do abastecimento do mercado do Sudeste brasileiro. Assim, os estados da Região Sul e Sudeste deverão ter sensível alteração na composição da renda agrícola no País, como conseqüência do deslocamento da produção agrícola e da participação da Argentina no mercado brasileiro.

Diante desse cenário de transformação do comércio mundial e do setor produtivo de batata no Brasil e na Argentina é que se pretende apresentar subsídios para a discussão e avaliação da política agrícola no Brasil e no MERCOSUL e dos rumos a serem tomados na organização da cadeia produtiva do bloco e nas regiões brasileiras.

5 - A PRODUÇÃO MUNDIAL DE BATATA E O MERCOSUL

A produção de batata no mundo em 1996 foi de 294,8 milhões de toneladas. O Brasil respondeu por 2,7 milhões de toneladas e situou-se como quinto produtor mundial. A área cultivada mundialmente foi de 18,3 milhões de hectares, auferindo produtividade de 16t/ha (PRODUCTION YEARBOOK, 1996) (Tabela 1).

No Brasil, na década de 90, a área cultivada com batata oscilou entre 157,7 mil e 187,6 mil hectares, a produtividade (14,4t/ha) manteve-se estável e a produção média no triênio 1995-97 foi de 2,7 milhões de toneladas (Tabela 2).

A produção de batata na Argentina, desde a criação do MERCOSUL, tem oscilado, evidenciando haver um ajuste na área cultivada. Em 1990, ocupou 105 mil hectares, mas no período 1993 a 1996, a área total cultivada foi de 98,3 mil hectares e a produção total foi de 2,3 milhões de toneladas.

Na Argentina, ocorrem quatro safras: a maior delas é a semi-tardia que corresponde a 52% do total produzido e abastece o país de janeiro a outubro. A tardia participa com 23% do total e é dirigida ao abastecimento nos meses de junho a outubro. As safras semi-precoce e precoce completam o abastecimento no período de outubro a fevereiro e participam com 25% do total produzido (Tabela 3). As safras precoces abaste-

TABELA 1 - Área, Produção e Produtividade de Batata no Mundo, Principais Produtores, 1996 e 1989-91

País	Área (1.000ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (1.000t)	Participação (%)
China	3.502	13.146	46.034	15,6
EUA	577	38.093	22.549	7,6
Índia	1.089	16.478	17.942	6,1
Espanha	205	19.849	4.032	1,4
Brasil	188	14.333	2.699	0,9
Coréia do Norte	140	11.429	1.600	0,5
Egito	58	20.400	1.133	0,4
Indonésia	66	15.080	1.002	0,3
Coréia do Sul	18	22.222	400	0,1
Tailândia	1	9.231	12	0,0
Restante	12.511	15.780	197.431	67,0
Mundo 1996	18.353	16.085	294.834	100,0
Mundo 1989-91	17.787	15.009	267.022	-

Fonte: PRODUCTION YEARBOOK (1996).

TABELA 2 - Área, Produção e Produtividade de Batata no Brasil, 1990-97

Ano	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)
1990	157.759	14.066	2.219.097
1991	160.953	14.072	2.264.852
1992	172.425	14.041	2.421.041
1993	161.680	14.594	2.359.565
1994	171.291	14.470	2.480.162
1995	176.071	15.204	2.676.926
1996	187.530	14.268	2.675.659
1997	181.508	15.187	2.756.558

Fonte: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA (1990-98).

TABELA 3 - Área, Produção e Produtividade de Batata na Argentina, por Safra¹ Anual, 1992/93 e 1995/96

Safra	Período	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Varição da produção (%)
Semi-tardia	Jan.-out.	41.500	1.207.868	29.100	52,3
Tardia	Jun.-out.	27.624	522.850	18.940	22,7
Semi-precoce	Nov.-fev.	23.193	460.865	19.860	20,0
Precoce	Out.-dez.	5.995	115.969	19.370	5,0
Total	-	98.312	2.307.552	23.472	100,0

¹Em 1990 a área colhida na Argentina foi de 105.000 hectares, a produção de 2,21 milhões de toneladas e a produtividade média de 21.048kg/ha.

Fonte: ANUÁRIO ESTADÍSTICO DO COMÉRCIO (1996).

cem cinco meses de consumo, no período de menor oferta do produto. O cultivo precoce é realizado nas províncias do norte onde há menor ocorrência de geadas. No mês de maio observa-se a maior oferta de produto no Mercado Central de Buenos Aires, enquanto no período julho-outubro, parte considerável do abastecimento é realizado com tubérculos estocados. O cultivo da semi-tardia teve sua área reduzida no período 1992/93 a 1995/96, enquanto a tardia expandiu-se e as precoces mantiveram-se praticamente estáveis. Brasil e Argentina são os principais fornecedores para o abastecimento da população dos quatro países do mercado comum. Uruguai e Paraguai, juntos, cultivam 6,3% da área e obtêm 3,4% da produção de tubérculos no bloco.

5.1 - Distribuição da Produção no Brasil

A produção de batata no Brasil distribui-se predominantemente por cinco estados produtores.

Os estados do Sul detêm 63% da área e cultivam apenas duas safras: a da seca e a das águas. As produções do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina são consumidas nos próprios Estados. Somente o Paraná, que produz 25% do total brasileiro, participa como abastecedor do Sudeste. O Paraná embora tenha área cultivada na região metropolitana de Curitiba, utilizando variedades locais para abastecimento do Estado, também possui regiões que produzem as mais consumidas no Brasil e que atendem o mercado do Sudeste e de outras regiões brasileiras.

A Região Sudeste tem como principais produtores os Estados de Minas Gerais e São Paulo, que cultivam três safras: águas, seca e inverno, e produzem visando o abastecimento de todo o mercado brasileiro (Tabela 4).

O cultivo de batata das águas é o maior do Brasil, sendo realizado em todas as regiões e com o menor custo de produção, pois as condições climáticas são propícias, inclusive podendo ser realizado sem irrigação, com menor custo de semente. A batata das águas é semeada ao final do inverno e início da primavera, com a colheita ocorrendo de novembro a março, época de menores preços no Brasil.

A safra da seca, semeada no início do ano, começa a ser colhida em abril e perdura até julho. No período julho-outubro é colhida a safra

de inverno, que geralmente é plantada em abril. Dada a expansão desta safra, ela é determinante para influenciar o comportamento dos preços da das águas (Figura 1).

O Paraná, até 1993, foi o maior produtor de batata no Brasil, com cerca de 27% do total. No período 1994-97, Minas Gerais consolidou a sua região produtora no Alto Parnaíba e, com isso, passou a produzir durante grande parte do ano, tornando-se, atualmente, o principal produtor nacional em quantidade e tempo de abastecimento (Tabela 4).

6 - O MERCADO BRASILEIRO DE BATATA

O mercado de batata no Brasil possui características distintas em alguns segmentos da cadeia produtiva; existem especificidades nos setores de produção e comercialização diferenciada em cada estado. Este perfil está em evolução e/ou acomodação diante dos acontecimentos econômicos da última década, ou seja, a globalização da economia e consolidação do MERCOSUL, nos anos noventas.

Dessa forma, pode-se dividir o mercado de batata em três partes distintas e com dinamismo próprio. O primeiro é o segmento de "Cadeia Produtiva da Batata Semente"; o segundo é aquele que envolve a produção de tubérculos para consumo *in natura* e para o uso industrial. O terceiro segmento da cadeia produtiva da batata é o setor da comercialização e distribuição em plena fase de expansão no MERCOSUL, envolvendo grande parte dos recursos do setor batateiro e competindo com o Hemisfério Norte e também com a Argentina, no mercado de Montevideo, que é o mercado de batatas industrializadas: fritas, *chips*, purês, féculas, etc.

Além disso, dadas as condições sócio-econômicas e edafoclimáticas regionais, ocorreram ajustes na quantidade produzida frente à reconversão da cadeia produtiva de batata no Brasil. Neste ponto os produtores paulistas é que sofrem a maior concorrência frente aos custos de produção mais elevados.

6.1 - O Mercado de Batata Semente

A batata, devido às suas características agrônômicas e por ser propagada vegetativamente

TABELA 4 - Área, Produtividade e Produção de Batata, nos Principais Estados, Brasil, por Safras, 1994 a 1997

Estado	Águas				Seca			
	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	Participação (%)	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	Participação (%)
Minas Gerais	17.665	21.443	378.775	14,4	8.552	20.867	178.447	6,78
São Paulo	10.928	18.066	197.420	7,5	8.538	19.714	168.313	6,42
Paraná	27.875	15.132	421.788	16,0	18.054	12.994	234.586	8,95
Rio Grande do Sul	32.969	9.418	310.509	11,8	15.898	6.748	107.280	4,07
Santa Catarina	12.937	11.188	144.739	5,5	5.108	9.740	49.749	1,90
Outros	525	13.684	7.181	0,4	3.281	21.208	69.584	2,56
Brasil	102.896	14.193	1.460.412	55,6	59.431	13.590	807.959	30,80

Estado	Inverno				Total			
	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	Participação (%)	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	Participação (%)
Minas Gerais	7.586	22.639	171.736	6,52	33.802	18,94	728.958	27,76
São Paulo	8.525	21.818	186.000	7,07	27.990	15,69	551.733	21,01
Paraná	-	-	-	-	45.929	25,74	656.374	24,99
Rio Grande do Sul	-	-	-	-	48.867	27,39	417.789	15,91
Santa Catarina	-	-	-	-	18.044	10,11	194.488	7,41
Outros	-	-	-	-	3.806	2,13	76.765	2,92
Brasil	16.111	22.204	357.736	13,60	178.438	100,00	2.626.107	100,00

Fonte: LEVANTAMENTO (1990-98).

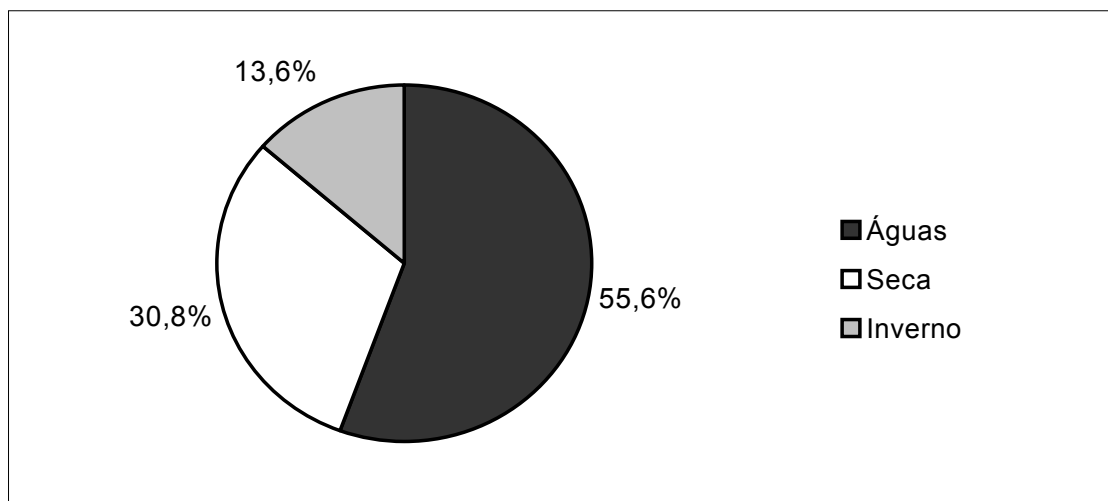


Figura 1 - Participação das Safras na Produção¹ de Batata no Brasil, 1994-97.

¹Produção média anual no período: 2,65 milhões de toneladas.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do LEVANTAMENTO (1990-98).

te, é extremamente suscetível a viroses (PLRV, X e Y), que são importantes e que devem ser consideradas por causarem degenerescência, baixando a produtividade. Além disso, existem algumas doenças fúngicas e bacterianas que podem determinar o sucesso ou o fracasso do cultivo em determinadas variedades, desde a produção de sementes até a produção para o consumo.

O Brasil possui doze variedades de batata, obtidas através de melhoramento nos Estados de origem: São Paulo tem 4 cultivares; Paraná 2; Minas Gerais 2; Santa Catarina 1 e Rio Grande do Sul 3. Essas sementes, via de regra, são multiplicadas, cultivadas e consumidas no estado de origem. A exceção é o cultivar Contenda (PR), que participa do mercado atacadista das CEASAS (entrepósitos) do Sudeste, enquanto as variedades paulistas sequer têm expressão no mercado regional.

O Brasil importa anualmente 14 variedades: 10 da Holanda, 2 da Suécia, 1 da Alemanha e 1 do Canadá, para suprir a "cadeia produtiva de multiplicação de batata semente". Esse material, importado através do "Programa Nacional de Acompanhamento da Produção de Batata Semente" pelos interessados, entra no Programa Nacional de Acompanhamento da Produção de Batata Semente. As Entidades Certificadoras dos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sob a orientação do Ministério da Agricultura e em conjunto com os serviços especializados das Secretarias Estaduais da Agricultura, realizam junto à iniciativa privada a inspeção da multiplicação dos tubérculos sementes.

Essa cadeia produtiva tem por objetivo fornecer ao setor produtivo de batata cerca de 230 mil toneladas de semente num valor estimado anual de US\$69 milhões. Para sustentar esse setor são realizados cerca de 4.000 campos de produção de batata semente (entre 10.000 e 18.000 hectares) por ano, sob a inspeção das Entidades Certificadoras estaduais.

Em média, a taxa de conversão dos tubérculos importados ou nacionais é de 3,5, ou seja, a quantidade de tubérculos produzidos após multiplicação é 3,5 vezes maior àquela semeada. Grande parte (78%) é de batata semente certificada, 19% registrada e o restante, cerca de 3%, são sementes básicas. As variedades que predominam na atividade de multiplicação são, principalmente, Achat (35% a 40%), Bintje (12% a

14%) e *Baraka* (11% a 12%). Outras variedades (*Delta*, *Elvira*, *Monalisa*, *Jaette Bintje*) têm participação entre 5% e 10%, e as nacionais e outras têm pouca expressão (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1994).

No período 1991-94, o Brasil importou, em média, 2.493 toneladas de batata semente, volume superado nos anos de 1995 a 1998, com média de 5.176 t/ano (Tabela 5).

TABELA 5 - Importação de Batata Semente, Batata e Derivados pelo Brasil, 1991-98

Ano	Batata semente		Batata e derivados	
	Quantidade (t)	Valor (US\$)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)
1991	2.374	2.075,70	8.024	3.966,30
1992	2.307	1.998,10	13.007	3.320,30
1993	2.542	1.956,80	4.423	1.487,40
1994	2.748	2.159,50	209.315	29.028,00
1995	3.599	3.074,50	65.531	33.623,00
1996	4.563	3.863,70	67.330	48.070,60
1997	6.997	3.891,46	62.031	78.895,50
1998 ¹	5.551	3.538,33	95.095	45.993,60
Média	3.835	2.819,76	65.595	30.548,09

¹Até junho.

Fonte: SECEX/DECEX (1991-98).

O Rio Grande do Sul é um dos Estados que possui eficácia no sistema de multiplicação, pois as variedades regionais que abastecem o mercado gaúcho com batata semente têm preço relativamente baixo e igual ao da Argentina, ou seja, o preço da batata semente é cerca de duas vezes o preço da batata comum. No Brasil neste segmento existem grandes disparidades de valores e eficácia em cada estado.

No Estado de São Paulo, as instituições de pesquisas e o Departamento de Sementes, Mudanças e Matrizes da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (DSMM/CATI) não conseguem multiplicar as sementes melhoradas e já consagradas em quantidades suficientes para atender a demanda; outra disparidade é que a região mais organizada e eficaz na multiplicação de batata semente é aquela onde situam-se os grandes bataticultores e que plantam predominantemente a variedade *Bintje*. As regiões onde existem majoritariamente pequenos produtores, com produção familiar, têm serviço de multiplicação exigido e adquirem sementes no comércio a

custo elevado. Esta situação se agrava nos anos em que ocorrem preços altos de batata no período entre março e maio (época de decisão sobre o plantio), quando o preço da semente ultrapassa R\$1,00/kg.

A região de São João da Boa Vista, onde existe grande número de pequenos produtores, principalmente nas regiões serranas (Divinolândia, São Sebastião da Gramma, etc.), tinha, na década de 70, batata semente com baixo custo em função da variedade usada na região e do adequado serviço de multiplicação. Nessa década, criou-se o armazém frigorificado para o estoque de batata semente, visando atender produtores da região, atualmente usado por grandes bataticultores e comerciantes de sementes. Este fato evidencia a autonomia conseguida pelos grandes produtores e a gradativa extinção dos pequenos, em função do seu maior custo de produção no Estado de São Paulo.

6.2 - Mercado de Derivados de Batata

No período 1991-98, foi crescente a importação de derivados de batata, principalmente em 1994, quando houve quebra da produção no Sudeste do País, face à geada ocorrida no final de junho, seguida de seca. O mercado brasileiro adquiriu nesse ano 198.000 toneladas de batatas frescas e/ou resfriadas. Em 1994, a Argentina enviou ao Brasil cerca de 176.000 toneladas e os outros países 12.000 toneladas. Em 1996, o País importou 26.780 toneladas. Em 1997 e 1998, nos supermercados já se constata a existência de batata holandesa pré-processada e congelada (da marca Frid'or) concorrendo com o produto nacional (Bint). Além disso, ocorre importação de *chips* a granel para ser embalada no Brasil, visando o abastecimento do mercado nacional; em 1995-96 o País importou mais de 65.000 toneladas/ano de derivados e o custo anual foi superior a 33 milhões de dólares (Tabela 5). Em 1998 a estimativa é de importação superior a 100.000 toneladas. No mercado exportador, a indústria de batata tem desempenho tímido (Tabela 6).

6.3 - Mercado de Batata *In Natura*

Conforme CAMARGO FILHO e MAZZEI (1996), no mercado atacadista da cidade de

São Paulo, anualmente, são negociadas cerca de 500.000 toneladas de batata. O principal ponto de transação de referência de preço é nas imediações da Praça São Vito. Estes atacadistas são filiados à Bolsa de Cereais de São Paulo e o mercado opera ao alvorecer e a céu aberto. Outro mercado atacadista importante é o do Entrepósito Terminal de São Paulo (ETSP) da CEA-GESP que tem seu horário de funcionamento durante o dia. Na Grande São Paulo existem o "Entrepósito de Santo André" (Companhia Regional de Abastecimento de Santo André - CRAISA) e os "armazéns" ligados às cooperativas e atacadistas que trabalham com um ponto comercial no ETSP ou zona atacadista e outro na Grande São Paulo ou interior. Também são crescentes as compras nas plataformas das grandes redes de supermercados, situados no interior, ou grande São Paulo.

TABELA 6 - Exportação de Batata Semente e Derivados de Batata pelo Brasil, 1991-96

Ano	Batata semente		Batata e derivados	
	Quantidade (t)	Valor (US\$)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)
1991	17,52	26,82	65.640	9,76
1992	20,04	13,95	99.200	15,85
1993	19,00	4,75	387.930	64,33
1994	-	-	49.000	14,31
1995	3,47	8,49	76.590	128,96
1996	-	-	69.950	67,96
Média	15,01	13,50	113.060	50,20

Fonte: SECEX/DECEX (1991-98).

O mercado atacadista da Praça São Vito e o da CEAGESP são semelhantes em quantidades comercializadas. No período 1993-96, o primeiro negociou em média 12.300 toneladas/mês e o segundo, 10.800 toneladas/mês. No entanto, a variação no primeiro foi de 7.500 a 16.500 toneladas/mês, enquanto no segundo foi de 6.500 a 15.000 toneladas/mês. Existe grande variação de quantidade comercializada nos dois locais conforme a época, em razão dos hábitos de venda do atacadista da região maior abastecedora. Também influencia nesta *performance* o fato de o primeiro mercado operar de madrugada e o outro durante o dia, proporcionando segunda alternativa de negócio. No entanto, se o mercado

for firme, a tendência é que o primeiro receba maior quantidade do produto para negociação; porém, quando o mercado é frouxo, a tendência é diminuir o fluxo de batata em toda a capital paulista, principalmente na CEAGESP.

Quanto aos preços no período estudado, observam-se inicialmente altos valores devido à escassez relativa nos meses de abril e maio, situação que se inverteu em julho e agosto, quando o mercado esteve superabastecido com produtos de Minas Gerais, sudoeste Paulista e da região de São João da Boa Vista. Isso ocorreu em razão do atraso no plantio da safra da seca e, conseqüentemente, na colheita da região produtora de lisas, e da antecipação do plantio e da colheita da safra de inverno nas duas regiões do Sudeste brasileiro, devido à escassez e preços altos de março-abril.

Esta conjuntura de safras e mercado proporcionou boas condições para avaliar e comparar os preços de batata por variedades no mercado atacadista de São Paulo (Tabela 7). Tomando-se a média de preços de batata lisa (*Bintje*) lavada, no período abril a outubro de 1997, como 100 (R\$31,05/sc.50kg), percebe-se que a *Bintje* escovada teve preço 23% inferior.

TABELA 7 - Preços de Batata por Variedade no Mercado Atacadista de São Paulo, Abril a Outubro de 1997 (R\$/sc.50kg)

Mês	Bintje		Achat	
	Lavada	Escovada	Lavada	Escovada
Abril	45,67	36,60	27,67	19,35
Maio	45,10	26,15	31,00	22,90
Junho	24,70	20,05	16,17	15,80
Julho	20,13	14,95	10,93	9,85
Agosto	19,83	14,35	10,90	7,60
Setembro	27,90	20,40	14,77	12,25
Outubro	34,01	25,38	20,34	17,47
Média	31,05	23,98	18,82	15,03

Mês	Monalisa lavada	Baraka escovada
	Abril	33,40
Maio	38,77	31,50
Junho	21,30	20,45
Julho	14,23	19,55
Agosto	19,23	9,95
Setembro	21,23	13,55
Outubro	25,98	23,41
Média	22,15	19,46

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados de BOLSINHA INFORMS (1997), BOLETIM DA BOLSA DE CEREAIS DE SÃO PAULO (1997) e INFORMAÇÕES ECONÔMICAS (1997).

Vale observar que o custo de lavar a batata gira em torno de R\$1,50 a R\$2,00 por saca de 50kg. Os maiores valores de batata lavada mostram a disposição do mercado consumidor em pagar mais caro por um produto limpo e mais bonito, embora tenha menor tempo de vida útil.

A variedade *Achat* lavada teve preço equivalente a 61% daquele da *Bintje*, enquanto a *Achat* escovada teve índice de 48%. Já a variedade *Monalisa* lavada teve índice 71%. Esta variedade é a moda do mercado nos últimos anos, porque possui formato e pele que realçam sua beleza quando lavada, embora para fritura seja um pouco inferior à *Baraka*, mas possuindo preços maiores que esta. A variedade *Baraka*, que obteve índice 63% na categoria escovada, não permite que seja lavada em razão das características de sua pele, pois diminui o valor do tubérculo (Figura 2 e Tabela 7).

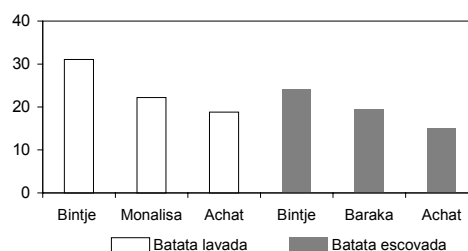


Figura 2 - Preços¹ de Batata por Variedade no Mercado Atacadista de São Paulo, Média de Abril a Outubro de 1997.

¹Em R\$/sc.50kg.

Fone: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

Em 1997, com o atraso da colheita de lisa, a indústria se abasteceu com *Baraka*, pois é a melhor variedade para fritura após *Bintje*, *Atlantic* e *Panda*, além de existir em quantidade razoável no mercado.

As variedades *Spunta* da Argentina e *Contenda* do Paraná têm preços próximos aos da *Achat*, enquanto a *Kennebeck*, que é boa para fritura, tem preço próximo ao da *Baraka*. Variedades utilizadas pelas indústrias que produzem frituras (*chips* e palitos) têm seus preços abaixo dos da *Bintje* e acima dos da *Baraka*, casos da *Atlantic*, *Agria* e *Panda*. As variedades comuns *Elvira*, *Delta* e nacionais possuem preços similares aos da *Achat*, tendo a cotação desta última como parâmetro.

No ETSP observou-se que 65% da quantidade vendida de batata era da comum es-

covada no período abril a outubro de 1997. Nesse entreposto, 19% do total negociado foi batata lisa escovada. As batatas beneficiadas (lavadas) totalizavam 16%, sendo 11% de lisa e 5% de comum.

6.4 - Variação Estacional de Preços e Quantidades no Mercado Atacadista

A estacionalidade de preços e quantidades no mercado de batata em São Paulo e Buenos Aires serve de parâmetro de preços nos dois principais mercados do MERCOSUL e, também, evidencia o período de maior quantidade ofertada em cada localidade.

6.4.1 - Variação estacional de preços e quantidades de batata em Buenos Aires

O Mercado Central de Buenos Aires (MCBA) é o principal entreposto atacadista de hortigranjeros na Argentina e o segundo na América do Sul. Conforme CAMARGO FILHO e MAZZEI (1996), no período 1991-94, foram comercializadas no MCBA, anualmente, 773.540 toneladas de hortaliças, sendo 22% correspondentes à batata, que é o produto mais importante para o consumidor argentino. As maiores quantidades ofertadas ocorrem nos meses de março, abril, maio e novembro. Os meses de menores quantidades ofertadas são janeiro e fevereiro (Tabelas 8 e 9 e Figura 3).

Quanto aos preços, a média no MCBA foi US\$8,40/sc.50kg no período 1991-96. A época de maiores preços é de janeiro a maio e em outubro. No primeiro semestre do ano é que ocorrem as maiores colheitas na Argentina.

6.4.2 - Variação estacional anual de preços e quantidades de batata em São Paulo

O mercado atacadista de São Paulo possui dois locais públicos onde se comercializa batata. O primeiro situa-se na Praça São Vito e o segundo no ETSP. Para a análise consideraram-se a quantidade comercializada no ETSP e os preços levantados pelo IEA na Praça São Vito; para os dois locais considerou-se o período 1993-96.

- Preços e quantidades anuais de batata lisa

A comercialização de batata lisa é melhor organizada no mercado atacadista, pois existe maior número de máquinas de lavar e classificar, situadas em regiões produtoras de batata Bintje. Com isso, parte da batata lavada é vendida a supermercados e/ou atacadistas de outras grandes cidades. Também o maior número de contrato de produção com indústrias é realizado com bataticultores da região de lisas, mesmo que plantem outras variedades próprias à industrialização, tais como: *Atlantic*, *Panda*, *Agria*, etc.

O sinônimo lisa vem da variedade Bintje, que possui gema (olho) pouco profunda. Essa variedade de origem holandesa é apta à fritura.

No período 1993-96, a quantidade média anual vendida no ETSP-CEAGESP foi de 48.830t/ano.

O preço médio de batata lisa no período 1991-96 foi de US\$21,69/sc.50kg. Os preços maiores ocorreram no período de abril a setembro, porém com pouca oscilação. A quantidade comercializada no ETSP no período mostra que a maior quantidade ofertada ocorre no período de novembro a fevereiro, época da safra das águas, quando todas as regiões entram em produção (Figura 4 e Tabela 10).

- Preços e quantidades anuais de batata comum

A principal batata comum comercializada é a *Achat* e serve de parâmetro de preços para todas as outras variedades desse grupo. No entanto, as quantidades comercializadas de algumas variedades em certas épocas também são significativas, como as de *Elvira*, *Contenda* e *Delta*. As batatas argentinas aparecem no mercado brasileiro, com maior frequência, no período abril-julho, sendo que a variedade *Spunta* tem preços equivalentes aos da *Achat* escovada.

Os preços de batata no mercado atacadista de São Paulo são maiores no outono (março-junho), quando ocorre menor quantidade ofertada por safra da seca, enquanto a demanda aumenta em razão do período mais frio que altera o hábito de consumo, favorecendo a elaboração de pratos quentes, que utilizam maiores quantidades de legumes, inclusive batata (Figura 5 e Tabela 11).

TABELA 8 - Quantidade Mensal de Batata Comercializada no Mercado Central de Buenos Aires, 1990-96

(em tonelada)

Mês	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	Média mensal	%
Jan.	14.630	18.766	12.296	10.093	9.928	10.601	8.032	12.049	94,71
Fev.	10.746	17.748	11.146	10.500	9.080	12.192	8.831	11.463	90,10
Mar.	13.913	14.839	16.379	10.939	10.837	13.379	10.839	13.018	102,32
Abr.	11.793	13.523	17.500	11.695	10.566	11.263	14.665	13.001	102,19
Mai	12.421	11.689	14.644	12.179	10.855	11.821	15.468	12.725	100,02
Jun.	16.311	20.952	14.023	16.301	10.067	11.175	13.589	14.631	115,01
Jul.	12.441	14.506	17.724	16.722	9.303	10.656	16.342	13.956	109,70
Ago.	10.910	14.682	14.715	13.943	12.835	12.178	15.985	13.607	106,95
Set.	7.046	11.821	15.781	13.043	11.593	9.869	15.831	12.141	95,43
Out.	8.837	10.713	13.658	9.526	12.225	9.195	16.907	11.580	91,02
Nov.	8.999	12.102	12.399	14.087	12.119	10.933	18.997	12.805	100,65
Dez.	7.202	12.444	11.508	11.516	11.150	10.709	17.294	11.689	91,88
Total	135.249	173.785	171.773	150.543	130.556	133.970	172.779	152.665	100,00

Fonte: ANUÁRIO (1996).

TABELA 9 - Preço Mensal de Batata no Mercado Central de Buenos Aires, 1990-96

(US\$/sc.50kg)

Mês	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	Média mensal	%
Jan.	6,50	11,50	7,00	13,00	6,00	9,00	8,00	8,71	100,45
Fev.	3,00	10,00	7,00	13,00	6,00	9,00	8,00	8,00	89,13
Mar.	6,00	7,50	8,00	9,00	6,00	9,00	8,00	7,64	85,33
Abr.	6,00	10,00	9,00	10,00	6,00	10,00	8,00	8,43	91,00
Mai	7,50	10,00	8,00	12,00	5,00	10,00	7,00	8,50	91,30
Jun.	7,50	10,00	8,00	10,00	4,00	10,00	7,00	8,07	85,32
Jul.	10,00	10,00	6,00	10,00	6,00	8,00	7,00	8,14	93,61
Ago.	14,50	12,00	6,00	9,00	6,00	8,00	9,00	9,21	104,92
Set.	20,00	9,00	6,00	10,00	6,00	8,00	11,00	10,00	117,75
Out.	23,50	10,00	6,00	13,00	6,00	9,00	12,00	11,36	132,07
Nov.	16,00	7,00	7,00	7,00	7,00	10,00	10,00	9,14	112,48
Dez.	16,00	7,00	9,00	5,00	7,00	10,00	7,00	8,71	96,64
Média anual	11,38	9,50	7,25	10,08	5,92	9,17	8,50	8,83	100,00
%	128,86	107,62	82,13	114,23	67,03	103,84	96,29	100,00	-

Fonte: ANUÁRIO (1996).

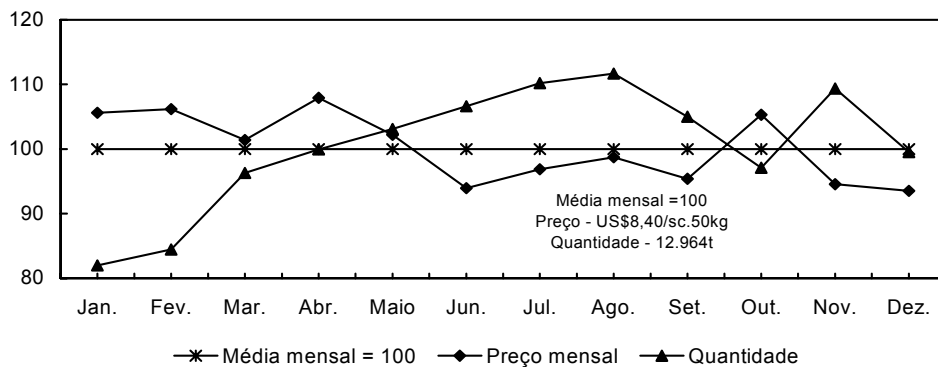


Figura 3 - Variação Estacional Anual de Preço e Quantidade de Batata Comercializada no Mercado Central de Buenos Aires, 1991-96.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do ANUÁRIO (1996).

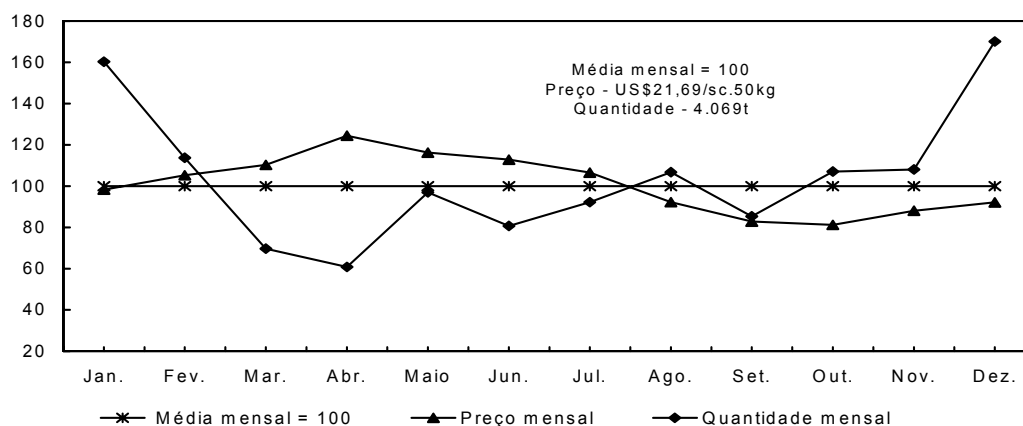


Figura 4 - Variação Estacional Anual de Preço e Quantidade de Batata Lisa no Mercado Atacadista de São Paulo, 1993-96.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do Instituto de Economia Agrícola e Boletim Anual da CEAGESP.

TABELA 10 - Preço Mensal de Batata Lisa no Mercado Atacadista de São Paulo, 1989-97
(US\$/sc.50kg)

Mês	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	Média mensal	%
Jan.	20,00	23,00	21,00	8,00	13,00	17,41	26,00	21,00	18,00	18,60	81,07
Fev.	24,00	20,00	20,00	10,00	12,00	23,35	25,00	21,00	25,00	20,04	87,33
Mar.	27,00	29,00	28,00	11,00	10,00	25,20	23,00	26,00	28,00	23,02	100,34
Abr.	36,00	27,00	36,00	8,00	15,00	25,88	28,00	32,00	37,00	27,21	118,59
Mai	67,00	25,00	31,00	7,00	17,00	19,47	30,00	35,00	38,00	29,94	130,50
Jun.	54,00	29,00	29,00	8,00	26,00	17,70	33,00	31,00	24,00	27,97	121,89
Jul.	37,00	28,00	18,00	10,00	18,00	23,01	21,00	32,00	16,00	22,56	98,31
Ago.	28,00	24,00	14,00	21,00	14,00	27,92	15,00	30,00	18,00	21,32	92,94
Set.	22,00	28,00	15,00	27,00	10,00	35,48	13,00	28,00	26,00	22,72	99,02
Out.	15,00	54,00	10,00	20,00	8,00	31,93	18,00	20,00	32,00	23,21	101,18
Nov.	18,00	31,00	7,00	16,00	13,00	29,67	16,00	17,00	30,00	19,74	86,04
Dez.	15,00	26,00	10,00	12,00	19,00	25,98	15,00	18,00	30,00	19,00	82,80
Média anual	30,25	28,67	19,92	13,17	14,58	25,25	21,92	25,92	26,83	22,94	100,00
%	131,84	124,94	86,80	57,38	63,56	110,05	95,52	112,95	116,95	100,00	-

Fonte: INFORMAÇÕES ECONÔMICAS (1989-97).

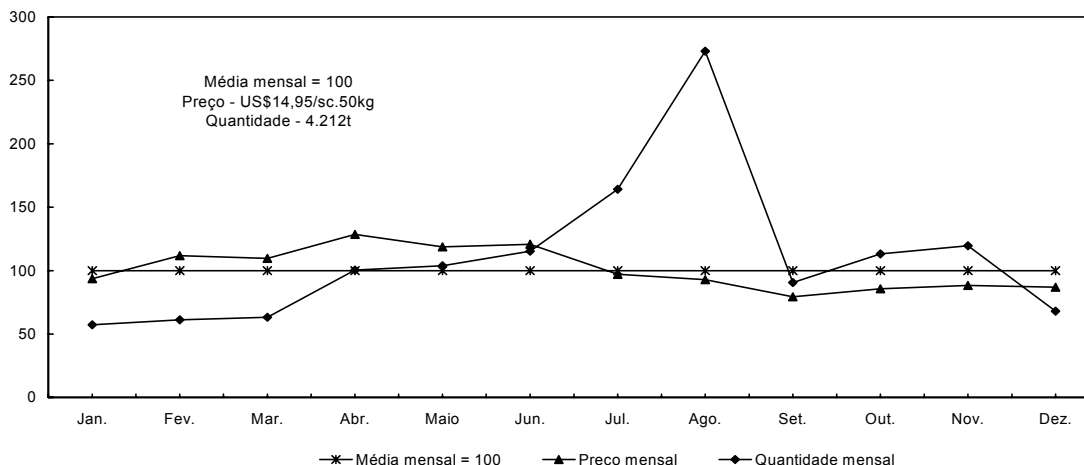


Figura 5 - Variação Estacional Anual de Preço e Quantidade de Batata Comum no Mercado Atacadista de São Paulo, 1993-96.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do Instituto de Economia Agrícola e Boletim Anual da CEAGESP.

TABELA 11 - Preço Mensal de Batata Comum no Mercado Atacadista de São Paulo, 1989-97 (US\$/sc.50kg)

Mês	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	Média mensal	%
Jan.	17,00	16,00	14,00	14,00	10,00	14,00	20,00	14,00	11,00	14,44	83,02
Fev.	22,00	38,00	16,00	8,00	10,00	20,00	20,00	14,00	15,00	18,11	104,10
Mar.	26,00	18,00	25,00	9,00	13,00	23,00	17,00	17,00	17,00	18,33	105,38
Abr.	32,00	18,00	32,00	6,00	14,00	25,00	22,00	21,00	20,00	21,11	121,34
Mai	18,00	17,00	27,00	6,00	22,00	18,00	27,00	23,00	25,00	20,33	116,87
Jun.	32,00	27,00	24,00	8,00	14,00	16,00	28,00	21,00	19,00	21,00	120,70
Jul.	25,00	10,00	26,00	13,00	10,00	18,00	18,00	21,00	10,00	16,78	96,43
Ago.	13,00	14,00	22,00	18,00	12,00	22,00	11,00	20,00	8,00	15,56	89,41
Set.	25,00	18,00	16,00	18,00	7,00	29,00	9,00	18,00	14,00	17,11	98,35
Out.	20,00	32,00	7,00	16,00	13,00	24,00	12,00	18,00	15,00	17,44	100,27
Nov.	13,00	20,00	5,00	13,00	10,00	22,00	12,00	17,00	18,00	14,44	83,02
Dez.	10,00	19,00	8,00	11,00	15,00	19,00	9,00	16,00	20,00	14,11	81,11
Média anual	21,08	20,58	18,50	11,67	12,50	20,83	17,08	18,33	16,00	17,40	100,00
%	121,18	118,31	106,33	67,06	71,85	119,74	98,19	105,38	91,96	100,00	-

Fonte: INFORMAÇÕES ECONÔMICAS (1989-97).

6.4.3 - Variação estacional bianual dos preços em 1991-96

CAMARGO FILHO e MAZZEI (1994) analisaram a resposta da produção de hortaliças aos preços, ou seja, mostram que os preços maiores acima do padrão, em determinada época do ano (outono), estimulam o aumento da área cultivada na primavera, o que proporcionará maior produção e conseqüentemente preços menores, abaixo da média, que, por sua vez, causarão retração do cultivo no ano seguinte, o que diminuirá a produção novamente e proporcionará preços altos, iniciando-se novo ciclo. É o fenômeno da teoria da "teia de aranha", que nada mais é que o resultado, na prática, das teorias de oferta e de-

manda em períodos alternados de escassez e superprodução.

As culturas de cebola, tomate, repolho, cenoura e batata são as que apresentam maior expansão da área quando ocorrem preços altos, fora do padrão no outono. No comércio de batata, este efeito é minimizado em razão de haver diversas regiões produtoras no MERCOSUL e nem todas participarem do comércio no Sudeste e Nordeste brasileiro, bem como em outras regiões dos países integrantes do MERCOSUL. No entanto, existe deslocamento da época da colheita, porque o bataticultor considera o retorno financeiro do ano anterior para definir o mês de plantio e, conseqüentemente, o de colheita.

O Método da Média Móvel Geométrica

Centralizada (MMGC), quando aplicado no intervalo de doze meses, reflete o período de safra e entressafra e, assim, define-se a variação estacional anual como a média dos índices de cada mês do período considerado. Isso evidencia o período em que a quantidade ofertada é maior ou menor e, conseqüentemente, os preços apresentam oscilação, determinando o período de safra e entressafra, por grupo de variedade, lisa ou comum.

Para a variação estacional bianual altera-se o intervalo de cálculo da análise para 24 meses, captando-se o deslocamento do período de colheita e dos preços, como reflexo do ocorrido no ano anterior, que influencia a tomada de

decisão do produtor.

A quantidade ofertada e os reflexos nos preços no MCBA analisados bianualmente evidenciam as teorias de oferta e procura. Observa-se conformação inversa da curva e seu deslocamento (Figuras 6 e 7).

Para São Paulo foram estudados apenas os preços de batata lisa e comum. Nesses casos, comparou-se o padrão estacional bianual apenas para os preços em seus índices bianuais, observando-se que o comportamento é diferenciado. Isto é, o reflexo de diversas variáveis, diferentes regiões na produção de cada grupo de variedades, oscilação diferenciada da quantidade ofertada durante o ano e quantidades demanda-

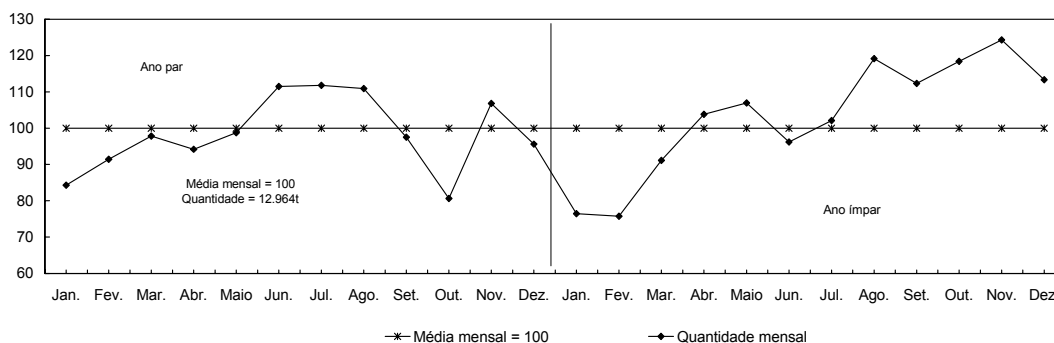


Figura 6 - Variação Estacional Bianual da Quantidade Comercializada de Batata no Mercado Central de Buenos Aires, 1991-96.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do ANUÁRIO (1996).

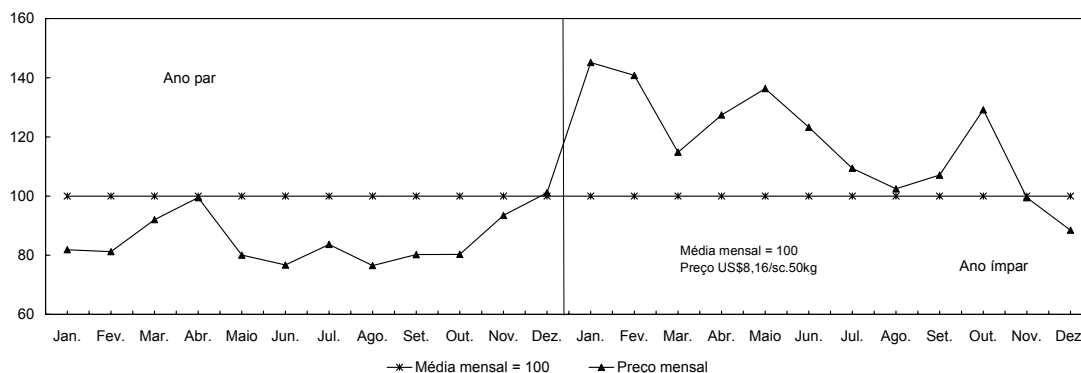


Figura 7 - Variação Estacional Bianual do Preço de Batata no Mercado Central de Buenos Aires, 1991-96.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do ANUÁRIO (1996).

das pela indústria e pelo mercado *in natura* também variam para cada tipo de batata (Figuras 8 e 9).

A variação estacional bianual dos preços reflete a maior ou menor quantidade colhida em determinados meses nos anos com final par ou ímpar. Vale ressaltar que as batatas para frituras são produzidas no Sul e Sudeste, em regiões específicas, tradicionais produtoras, e, por isso, possuem calendário de produção mais rigoroso, enquanto a batata comum é produzida em todas as regiões brasileiras e sofre maior influência do preço no seu calendário.

7 - CONCLUSÕES E SUGESTÕES

No setor produtivo de batata, nos últimos anos, ocorreram transformações significativas. No final da década de 80, consolidou-se a produção de inverno como a terceira safra no Brasil e, dessa forma, destacaram-se ainda mais as produções de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, como principais abastecedores do mercado brasileiro. Os acontecimentos econômicos ocorridos fizeram com que se iniciasse uma seleção de produtores com base em sua eficiência em administrar a produção num mercado oscilante. No mercado de batata, a avaliação por categoria mostrou que a batata lavada não predomina quanto à quantidade comercializada, mas tem os

maiores preços durante o período analisado, evidenciando sua valorização.

Quanto a variedades, a mais valorizada é a *Bintje*, em seguida a *Monalisa* e *Baraka*, que podem, inclusive, ter alternância de valores. A *Achat* escovada teve o menor preço. De certa forma, esse *ranking* de valores evidencia as variedades com melhor qualidade para fritura que são as mais caras.

Quanto à variação estacional de preços no Mercado Central de Buenos Aires, observa-se que a estacionalidade é definida com preços maiores no trimestre março-maio e em outubro e a maior quantidade ofertada naquele mercado é de janeiro a agosto. No entanto, a fluência anual do produto oscilou em 28% no período 1991-96.

No mercado atacadista de São Paulo, os preços maiores, em média, ocorreram de março a junho, no entanto, existe um deslocamento dos períodos de picos de preços, evidenciando que os produtores procuram deslocar a produção e a colheita dos meses que tiveram menores preços no ano anterior.

As sugestões que têm viabilidade econômica e podem trazer maior organização no mercado são sempre integradas: 1) realizar a classificação da batata e sua comercialização de acordo com sua variedade, simultaneamente divulgar as qualidades culinárias de cada uma; 2) promover a melhoria da produção contratada

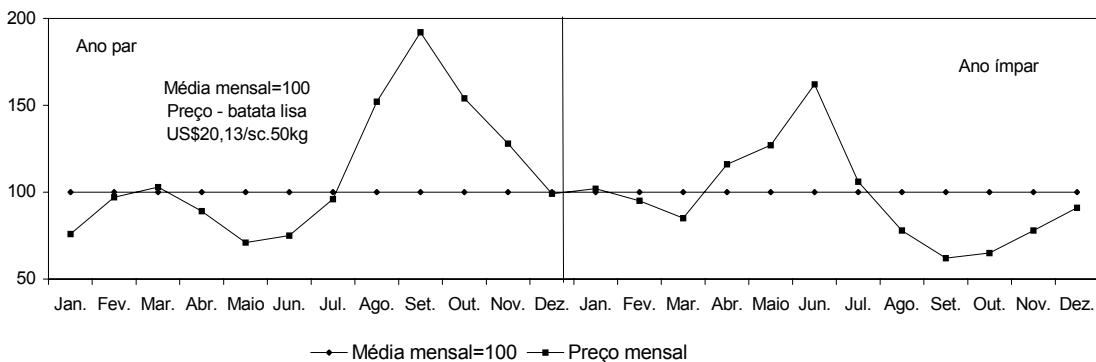


Figura 8 - Variação Estacional Bianual do Preço de Batata Lisa no Mercado Atacadista de São Paulo, 1991-96.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do Instituto de Economia Agrícola e BOLETIM (1994-97).

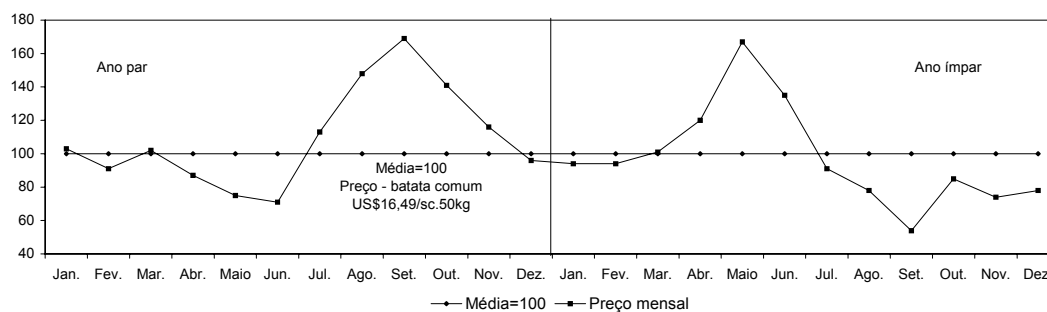


Figura 9 - Variação Estacional Bianual do Preço de Batata Comum no Mercado Atacadista de São Paulo, 1991-96.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do Instituto de Economia Agrícola e BOLETIM (1994-97).

entre produtores e indústrias, bem como avaliar com as indústrias a variedade e o tamanho do tubérculo desejado; 3) realizar comercialização em leilão eletrônico para que a batata possa ser vendida com base na sua classificação padronizada e, com isso, seguir da região de produção direto ao seu mercado consumidor final, baixando seus custos de comerciali-

zação de custos de comercialização, ao mesmo tempo em que o produtor possa agregar valores ao seu produto; e, finalmente, 4) os produtores (pequenos e grandes) devem associar-se para conseguir economia de escala na compra de insumos e melhorar o poder de barganha para vender o seu produto, além de poder ser representado junto ao poder público.

LITERATURA CITADA

ANUÁRIO ESTADÍSTICO DO COMÉRCIO: productos no tradicionales. Buenos Aires: Secretaria de Agricultura, Ganadería y Pesca de La Nación Argentina, 1996.

BOLETIM DA BOLSA DE CEREAIS DE SÃO PAULO. São Paulo: Departamento de Agronomia, Economia e Estatística/Setor de Observação de Mercados, maio/out. 1997.

BOLETIM MENSAL DA CEAGESP. São Paulo, 1994-1997.

BOLSINHA INFORMA. **Cotação diária do mercado de batata e cebola.** São Paulo, maio/out. 1997.

CAMARGO FILHO, Waldemar P.; MAZZEI, Antonio R. Hortaliças prioritárias no planejamento da produção orientada: estacionalidade de produção e dos preços. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.24, n.12, p.9-54, dez. 1994.

_____. A produção e os preços de hortaliças no MERCOSUL. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.26, n.12, p.43-55, dez. 1996.

HOFFMANN, Rodolfo. **Estatística para economistas.** São Paulo: Pioneira, 1991. 390p.

INFORMAÇÕES ECONÔMICAS. São Paulo: IEA, 1989-97.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: FIBGE, 1990-98.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **Programa Nacional de Acompanhamento da Produção de Batata Semente - Entidades Certificadoras dos Estados.** Brasília, 1994.

PRODUCTION YEARBOOK. Roma: FAO, 1996, v.50.

SECEX/DECEX. ALICE: importações efetivas. Brasília: MICT, 1991-98.

**MERCADO DE BATATA:
ações integradas na cadeia produtiva**

SINOPSE: No trabalho é mostrado um histórico recente da bataticultura brasileira e são quantificadas as produções, por safras, no Brasil e na Argentina. São analisados os aspectos da globalização, seus reflexos e as transformações conjunturais da produção. São calculados e comparados os valores das principais variedades no comércio atacadista de São Paulo. Também é analisado o padrão estacional em Buenos Aires e em São Paulo, mostrando-se os períodos de safra e entressafra e concluindo-se que é possível planejar o cultivo e evitar os períodos de preços baixos.

Palavras-chave: batata, comercialização, produção, mercado, variedades, MERCOSUL.

**POTATO MARKET:
integrated actions in the productive chain**

ABSTRACT: This paper shows a recent description of the Brazilian potato cultivation. The productions are calculated in Brazil and Argentine by crop productions. Globalization aspects, its consequences and the production transformations are also analysed. Values of the main varieties are calculated in the wholesale market of São Paulo. In addition, the seasonal pattern is analysed in Buenos Ayres and São Paulo being the harvest and lower supply periods shown. The conclusions are: it is possible to plan the potato cultivation and to avoid the slump prices period.

Key-words: potato, trade production, market, varieties, MERCOSUL.

Recebido em 09/06/98. Liberado para publicação em 24/11/98.